

TRACOS de MEMÓRIA

Macaé
Março 2015
N#1



INSTITUTO
FEDERAL
FLUMINENSE



EM CADA
CANTO
UM
CONTO

PROJETO
iFanzine

ILUSTRAÇÃO:
SARA GASPAR

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Bibliotecária Juliana Farias Motta CRB7- 5880

T772

Traços de memória : em cada canto um canto / Instituto Federal Fluminense campus Macaé : Coordenação Alberto de Souza Andrea Gomes Barbosa; Ilustrações Sara Gaspar [et. al]. -- Macaé : [s.n.], 2015.

12 p. : Março. n.#1. : ilustrações.
principalmente. ; 21x 15 cm.
Vários co-autores

Traços de memória é uma publicação especial do projeto de extensão IFANZINE em parceria com o projeto de extensão (Em cada canto um canto)

I.Fanzine - Macaé (RJ). 2. Tradição oral - Macaé (RJ).3. Literatura folclórica brasileira - Macaé (RJ).I. Souza, Alberto, coord. II. Souza, Paula, coord. III.Barbosa, Andrea Gomes, coord. IV.Gaspar,Sara [et al.]. Ilus. V.Título.VI. Título : em cada canto um canto

CDD 070

Índice para catálogo sistemático:

1. Fanzine - Macaé (RJ)
2. Tradição oral - Macaé (RJ)
3. Literatura folclórica brasileira - Macaé (RJ)

Esta revista apresenta, de forma original e criativa, ilustrações e narrativas produzidas a partir de relatos coletados pelo projeto "Em cada canto, um conto", visando o resgate da literatura oral na área de abrangência do IFFluminense campus Macaé. O registro da coletânea envolveu alunos, professores, servidores e comunidade externa da referida área. Após serem coletadas junto à comunidade, as histórias

foram transpostas do oral para o escrito e retornam à mesma através da presente publicação, proporcionando, dessa forma, a interação entre tradição e ensino acadêmico. Reiteramos que, por se tratarem de relatos orais, presentes na cultura popular, os textos apresentados estão sujeitos a semelhanças com fatos reais e/ou obras literárias já registradas.



Instituto Federal Fluminense campus Macaé

TRAÇOS DE MEMÓRIA
é uma publicação especial
do Projeto de Extensão IFANZINE
em parceria com o Projeto de Extensão
Em Cada Canto um Conto.

Macaé, Março de 2015

Coorientação:
Alberto de Souza
Andrea Gomes

Bolsistas Projeto Em Cada Canto um Conto:
Caroline Nunes
Érika Gomes Freitas

Bolsistas Projeto IFanzine:
Raphael Viana
Bruna Lage

Participações Voluntárias:
Fabiano Ferreira
Sara Gaspar
Kezia Campos

O QUE TEMOS PARA CONTAR

CAPA	1
EXPEDIENTE	2
O QUE TEMOS PARA CONTAR	3
A SAGA DO SETE ORELHAS	4
A PRAGA DAS GALINHAS	5
ENTRANDO NUMA FURADA	6/7
O CANTO DA FOICE	8
O HOMEM DO TERNO BRANCO	9
LOBISOMEM	10
TRADIÇÃO ORAL/O QUE É FANZINE?	11
TRAÇOS DE MEMÓRIA	12

ILUSTRAÇÃO:
CAROLINE NUNES



ILUSTRAÇÃO:
ÉRIKA FREITAS

A SAGA DO SETE ORELHAS

Num tempo em que Minas era capitania e a justiça estava a léguas de distância dos arraiais – quando estava! - o bárbaro assassinato de um fazendeiro desencadeou a morte igualmente sangrenta de sete irmãos. Amarrado a uma figueira, João Garcia Leal, de quarenta e três anos, foi despelado vivo, sem a menor chance de defesa, depois da disputa com um vizinho pela demarcação das terras. Sedento da vingança e sem apoio das autoridades coloniais, o irmão da vítima Januário Garcia Leal (1761-1808), considerado um homem bom e trabalhador, jurou vingança e seguiu os criminosos território mineiro afora, eliminando um a um. para finalizar o ato, cortava a orelha do homem "justiçado", salgava e enfiava no cordão. Não demorou muito para ser conhecido como sete orelhas.

O justiceiro não matou sozinho os sete irmãos, tendo a companhia do irmão Salvador Garcia Leal e primo Mateus Luís Garcia. De início, o bando matou três algozes de João Garcia Leal, quando se preparavam para fugir. Os outros estavam em localidades diferentes. o último a morrer se fazia de "santo" e estava perto de diamantina, no vale do Jequitinhonha. Este, sete orelhas deu a chance de viver: mandou que



caminhasse com passos e avisou que atiraria; se o tiro não o acertasse, ele poderia ir embora, do contrário...Não deu outra e, o capitão cumpriu o prometido. O tiro o acertou e logo os sete irmãos estavam mortos e as sete orelhas estavam no cordão de Januário Garcia.

Depois de dois anos de caça aos assassinos, o Sete Orelhas foi para Lages-SC, e viveu como comerciante sob a proteção de parentes, porque a essa altura a história já tinha se espalhado e já era conhecida em muitos lugares. Curiosamente, ele morreu com uma pancada na altura da orelha, depois que a madeira do curral o acertou.

A árvore onde João Garcia Leal foi morto está até hoje numa propriedade particular em São Bento Abade, no sul de Minas.

A história que completa 210 anos, já foi tema de inúmeras obras literárias, fazendo parte da cultura mineira e está a caminho de ganhar registro como patrimônio imaterial.

Relato do aluno Handley da Silva Lima, registro cultural de sua região.

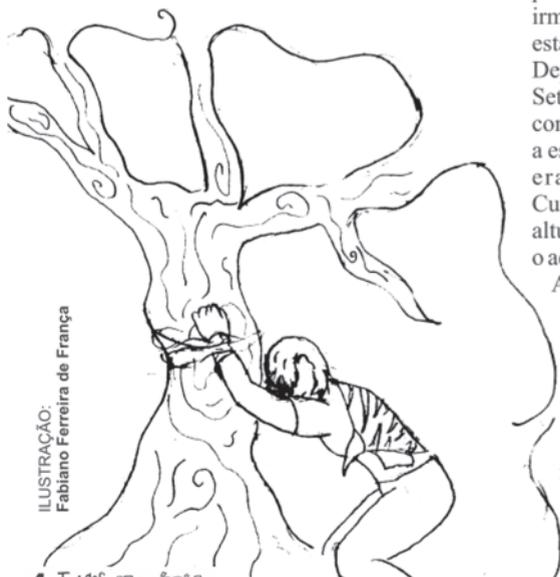


ILUSTRAÇÃO:
Fabiano Ferreira de França

A PRAGA DAS GALINHAS

ILUSTRAÇÃO:
BERALTO

Tudo começou em um bairro chamado Imboassica, interior de Macaé, quando um menino chamado Valdeni Couto Pinheiro nasceu no ano de 1950. Valdeni nasceu numa família muito pobre, o que era comum naquele bairro.

Valdeni gostava muito criar galinhas e patos, ele se sentia um grande fazendeiro quando estava no meio de sua vasta criação de oitenta animais, mesmo possuindo apenas doze anos.

Um certo dia, Valdeni levou sua criação para pastar próximo à uma linha de trem do bairro, quando se aproximou dele uma senhora, já idosa, e lançou uma praga sobre suas galinhas. Ela disse:

Você acha que suas galinhas vão engordar? Todas irão morrer!

Com isso, no momento que caía a tarde, todos os seus patos e galinhas estavam morrendo. Esse foi o dia mais triste da vida de Valdeni e ele chorou muito.

Aquelas galinhas ajudavam para o sustento de sua família, porque quando as aves cresciam, a mãe de Valdeni fazia uma deliciosa panelada de galinha ensopada com quiabos, na fazenda do sr. Costa em Cantagalo.

Valdeni tinha que superar aquele momento, o que era muito difícil, pois apesar de ser uma criança, ele sempre se entristecia ao ver suas três irmãs e seu irmãozinho pequeno querendo comida; além de ver sua mãe sozinha na cozinha a raspar as panelas.

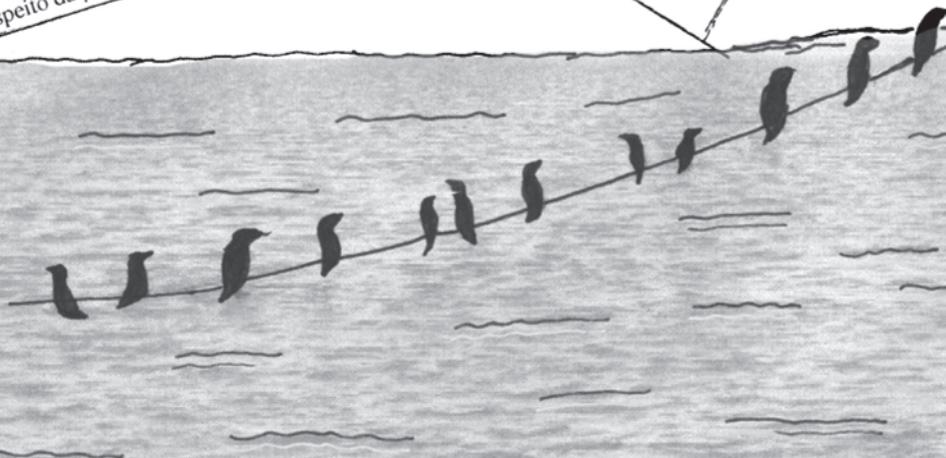
ENTRANDO NUMA FURADA

Valdeni e seu tio, passaram a pegar tantos peixes que eles vendiam suas pescas nas feiras no centro de Macaê. O que ajudou muito sua família, que não passava mais necessidade e tinha, agora, uma alimentação decente. Valdeni tinha um espírito muito jovem, e certo dia, ele chamou seus dois primos, Gilson e Adilson, para ir com ele brincar na praia. Ao chegar lá, eles avistaram uma canoa furada, mas para os três aventureiros, mais parecia o Titanic ancorado. Valdeni, o mais ardeiro do grupo, decide pegar a canoa e ir remando até a ilha de Imboassica, próximo ao quartel do Exército.

O tempo passou e Valdeni, agora com quinze anos, se tornou muito amigo do seu tio Pedrinho, um tio muito divertido, mas que adorava beber e fumar, acima de tudo, ele gostava de pescar. O tio Pedrinho, logo ensinou Valdeni a pescar. Eles iam à lagoa de Imboassica e a praia de Cavaleiros, e foi lá que Valdeni aprendeu a pegar suas primeiras tilapas.

A primeira sensação de Valdeni ao pegar o anzol, a vara, a isca e fazer o primeiro lançamento ao mar foi de muita realização e felicidade. Ouvir aquele barulhinho tranquilizador da água, dava-lhe a motivação de pensar em realizar algo muito além do que criar galinhas. A cada momento que ele passava com seu tio, ele pegava mais e mais manias a respeito da pesca.

Eles saíram da praia de Cavaleiros, os três marinheiros estavam muito dispostos. Até o tio Pedrinho quis ir com eles. O plano era este: enquanto dois remavam, os outros dois tinham a responsabilidade de retirar a água da canoa, e então eles partiram. Chegando na ilha, tio Pedrinho disse aos seus sobrinhos: - Aqui nós vamos pegar muitos peixes, pois aqui é o ponto exato! Gilson era o mais medroso e qualquer barulho o assustava e ele ficava "cagando" de medo, Adilson estava ali pois adorava passear e Valdeni, além disso estava ali para fazer muita bagunça e levar deliciosos peixes para sua mãe cozinhar.



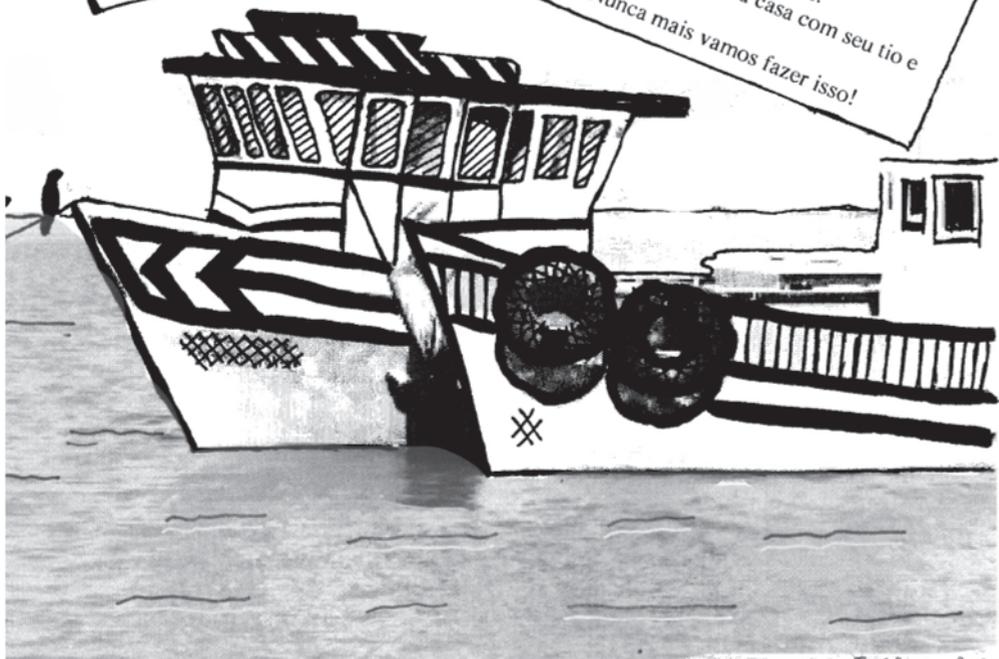
Com o cair da tarde, havia chuva e os ventos aumentaram muito, estavam todos pescando próximo as rochas e começaram a correr para se proteger da chuva. Tio Pedrinho, não teve tanta sorte, e tropeçou em um buraco e torceu o tornozelo, a ponto de quebrá-lo. Valdeni, Gilson e Adilson, como uma equipe de resgate, pegaram o tio lesionado, pegaram os braços e as pernas e o levaram para baixo de uma palmeira.

A missão agora era essa: Valdeni remar com toda a força e os dois primos retirarem a água com toda a velocidade; então Valdeni, como o capitão daquela embarcação, começou a remar e seus primos lutavam como se fossem marinheiros preparados. Num certo momento, no meio do mar, Gilson que era o mais medroso, cai no mar e começa a gritar muito. Valdeni vendo a situação, pula no mar, como se fosse um peixe. Enquanto isso, Adilson lutava incansavelmente para não deixar a canoa afundar. Logo, Valdeni consegue resgatar seu primo, e continua sua batalha de remar aquela embarcação furada. Seu tio, não tinha nem mais palavras, nem barriga, para engolir tanta água.

Eles precisavam voltar para casa, mas tio Pedrinho estava morrendo de dor e além disso, eles tinham que remar uma canoa furada, lotada de peixes! Então Valdeni sabia que era o momento dele fazer alguma coisa. Então na mesma hora, ele amarrou algumas sacolas no tornozelo de seu tio e colocou-

Depois dessa longa peleja, ver a areia da praia de Cavaleiros nunca foi tão aliviante, na realidade eles nem chegaram a ancorar, a própria canoa se encarregou de lançá-los na areia, com sua grande rede de peixes amarrada, e com muitos peixes. Então Valdeni volta para casa com seu tio e primos dizendo:
-Nunca! Nunca mais vamos fazer isso!

ILUSTRAÇÃO:
ERIK FREITAS



O HOMEM DE TERNO BRANCO

ISSO OCORREU NA LOCALIDADE DE RIACHO DAS PEDRAS II, MUNICÍPIO DE GENERAL SAMPAIO, INTERIOR DE FORTALEZA.



CONTA-SE QUE SEMPRE APARECIA UM HOMEM DE TERNO BRANCO NAS NOITES DESSE LUGAR.

QUANDO ELE ESTAVA PERTO, ARANHAS INVADIAM AS CASAS, PROVOCANDO PÂNICO, POIS TODOS DESCONFIAVAM DE QUE ELE ESTAVA ALI, EM ALGUM LUGAR DA MATA.



CERTA VEZ, DISSERAM QUE UM RAPAZ VINHA ANDANDO PERTO DA IGREJA COM AS MÃOS VIRADAS PARA TRÁS, O BRAÇO ESQUERDO NO LUGAR DO DIREITO E VICEVERSA E ELE BRILHAVA LEVEMENTE, O ROSTO APARENTEMENTE NINGUÉM NUNCA VIU, MAS O CABOCLO ERA GRISALHO.



ILUSTRAÇÃO:
RAPHAEL VIANA

LETRAS / DIAGRAMAÇÃO
ÉRIKA FREITAS

◊ CANTO DA FOICE

Quando cheguei no bairro do Campo Oeste já existiam alguns moradores, poucas casas construídas, casas de madeira, como aquelas casinhas que encontramos na roça. Bem, quando eu cheguei no bairro, o nome não era Campo Oeste, mas sim Canto da Foice, que era o nome na época.

Um certo dia, perguntei a uma velha moradora do Canto da Foice o porquê deste nome, e aquela velhinha que nem me lembro mais o nome, se expressou com risos e falou:

-Caro jovem, vou contar o motivo deste nome! Eu sou descendente de pescadores e aqui moravam alguns pescadores, que começaram a construir algumas casas de madeira como você pode ver. Um certo dia, dois moradores que eu não conhecia muito bem, começaram a discutir, não sei se eles estavam bêbados ou se estavam discutindo por um pedaço

de terra, só sei que um destes homens entrou em sua casa, já tendo discutido bastante, pegou uma foice e foi até o cantinho de um morro, onde estava o outro rapaz e o matou com a foice. Ninguém soube ou viu o rapaz que matou; só ficamos sabendo no outro dia, quando alguns moradores encontraram o corpo do jovem morto; e por isso o bairro ficou com esse nome, Canto da Foice.

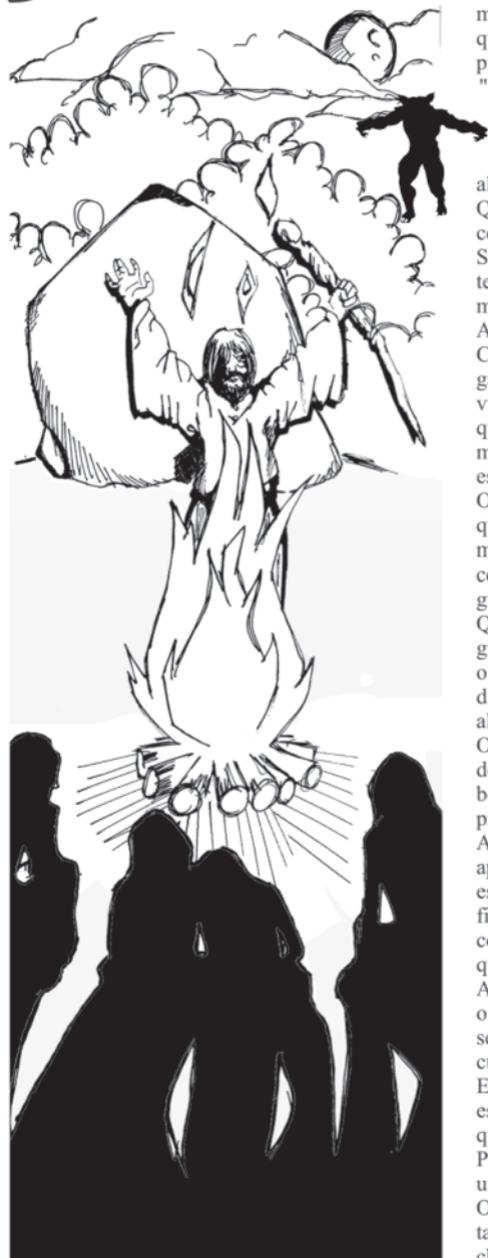
Entrevista feita por Caio Roberto Soares Guedes ao Sr. Gilson, sessenta e cinco anos, nascido em Macaé e morador do bairro Campo do Oeste há mais de vinte anos.



ILUSTRAÇÃO:
RAPHAEL VIANA

LOBISOMEM

Relato da aluna Eliandra



Um casal do interior teve em seu casamento seis filhos. Após o último filho completar dois anos de idade, a mulher engravidou novamente e para seu desgosto, era mais um menino.

"Tudo bem", disse a mulher, "pelo menos veio com saúde e é perfeito".

O garoto crescia com saúde, ele era esperto e ativo. Quando ele completou cinco anos, embrenhava-se no mato e passava muito tempo sumido. Sua mãe ou algum de seus irmãos, tinha que ir buscá-lo na mata. Ele sempre chegava todo sujo, principalmente na boca, o que levava sua mãe a sempre dizer: "Você anda comendo terra?" e o garoto nunca respondia.

O tempo ia passando e o pai que trabalhava na roça e plantava uma horta em sua casa, começou a sentir falta de muitos animais na região, animais que ele até caçava para alimentar sua família.

Quando o garoto completou doze anos, passou a sumir em certas noites do mês e durante o dia, dormia o tempo inteiro. Sua mãe já estava com idade avançada, e para sua surpresa, teve mais um filho, que ao nascer para alegria de todos era uma menina. A alegria foi geral na casa, menos para o último filho. A criança crescia e o menino também.

Certo dia, o pai acordou com muito barulho vindo do galinheiro, e foi até lá ver o que era, mas só conseguiu ver vultos. No outro dia, a mãe notou no menino penas de galinha, que indagando-o respondeu ser apenas de seu travesseiro. A mãe atarefada com a nova criança, não deu tanta importância a esse fato. Que aconteceria novamente no próximo mês.

O pai então, decide fazer uma armadilha para capturar o bicho que estava comendo as galinhas. Arrumou na noite que ele já marcado que aconteceria e esperou. Na segunda noite ele conseguiu capturar, percebendo que era um bicho muito grande, ele decidiu deixá-lo preso até a manhã seguinte.

Quando amanheceu, para surpresa e espanto do pai, o filho gritava por socorro dentro da armadilha, o pai então perguntou o que ele fazia ali, mas o menino não soube responder. Só lhe disse, que na noite anterior foi dormir em sua cama e acordou ali dentro.

O pai, ao soltá-lo, reparou que a presa que ele tinha posto lá dentro tinha sumido e seu filho estava com sangue ao redor da boca e nas mãos. Conversando com sua esposa, eles decidiram procurar uma benzedeira para ver o que ela diria.

A benzedeira falou que era a maldição do sétimo filho, que após o sexto filho, o sétimo nasceria lobisOMEM. Ao ouvir essas palavras, o pai ficou apavorado, começou a xingar e ficou muito revoltado. Sua esposa com mais calma, conversou com ele e pediu para ele retornar a benzedeira e perguntar o que poderia ser feito. E assim ele fez.

A benzedeira falou que a única solução seria entregar uma oferenda para ele, o pai animou-se, mas quando ouviu qual seria a oferenda não conseguiu nem contar a esposa. Com custo, ele contou e eles decidiram fazer a entrega.

Então, pai e mãe, colocaram a filhinha dentro da armadilha e esperaram. Durante a noite, só se ouvia os gritos da criança, até que somente o silêncio reinou.

Passado algum tempo, o tal "lobisOMEM" começou a gemer, uivar e berrar. Silêncio novamente.

O pai então foi ver o que aconteceu e encontrou seu filho também no chão desfalecido. A fera estava morta, pai e mãe choraram muito, pois perderam dois de seus filhos.

TRAÇOS DE MEMÓRIA nasceu da parceria entre dois projetos de extensão, conduzidos no IFFluminense campus Macaé:

IFzine e **Em cada canto, um conto**. A ideia começou a ser desenhada no último encontro de extensão realizado no IFF Campus Guarus. Fanzine e relatos orais, encontro perfeito! O resultado não poderia ser diferente quando se reúnem pessoas apaixonadas pelo que fazem. O Projeto Em Cada Canto, um Conto nasceu do desejo de se trabalhar não só a literatura prevista no currículo, mas incluir neste a literatura oral brasileira. O IFF reúne alunos oriundos de diferentes lugares.

Nesse contexto, o projeto possibilita a troca entre culturas de diversas partes do país, oportunizando-se discussões a respeito da diversidade cultural. Ao aluno recém chegado é oferecida a possibilidade de conhecer o lugar em que vive, as culturas ali produzidas, além de mostrar um pouco de suas raízes, contando as histórias da cidade de onde veio.

Para esta edição, foram selecionados dois relatos de histórias locais, **Canto da Foice** e **Imboassica**, e três histórias de outras regiões, **O Homem do Terno Branco**, de Fortaleza, **A Saga do Sete Orelhas**, de Minas Gerais, e **Lobisomem**, do Rio Grande do Sul.

Terror, suspense, justiça, crimes, aventuras... esperam você nas páginas deste fanzine.

